



EIXO 10: TECNOLOGIAS DIGITAIS NAS NOVAS CONFIGURAÇÕES DO TRABALHO E DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

TESSITURAS E REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS NA CULTURA DIGITAL: UMA CRÍTICA DECOLONIAL SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA A EAD

Luana Ribeiro Pinto Araujo

UNEB

luanaribeirópintoaraujo@gmail.com

Regis Glauciane S. de Souza

UNEB

regissouza@educacaosalvador.net

Resumo

A Educação a Distância (EAD), potencializada pelas tecnologias digitais e pela demanda por flexibilização dos processos formativos, se consolida como uma das principais modalidades de ensino na contemporaneidade. Contudo, seu crescimento ocorre em meio a tensões e contradições, especialmente no que se refere à formação de professores/as. Este trabalho, ancorado em leituras realizadas no componente curricular "Estudos Avançados em Educação e Contemporaneidade", do PPGEduc/UNEB, propõe uma análise crítica e decolonial das novas configurações do trabalho docente na EAD, problematizando os impactos da cultura digital nas práticas formativas e nas epistemologias que as sustentam. A inserção das tecnologias digitais no campo educacional não é neutra. Ao mesmo tempo que ampliam acessos e promovem inovações pedagógicas, também podem reforçar lógicas hegemônicas e coloniais de produção do conhecimento. Autores/as como Catherine Walsh, Enrique Téllez Fabiani, Angelo Dantas de Oliveira e Bernardete Gatti sustentam a necessidade de tensionar os fundamentos da formação docente diante da colonialidade persistente nas práticas pedagógicas, nos discursos institucionais e nas arquiteturas tecnológicas que moldam a EAD. Isso implica questionar não apenas o uso instrumental das tecnologias, mas,



sobr

etudo, os sentidos simbólicos, políticos e afetivos que elas carregam na organização do trabalho docente e na constituição de saberes. A partir desse referencial crítico, o texto defende a urgência de uma EAD pluriversal, situada e comprometida com a justiça social, que valorize saberes locais, linguagens diversas e epistemologias insurgentes. A formação de professores/as nesse cenário não pode estar centrada apenas na operacionalização de plataformas ou na reprodução de conteúdos previamente definidos. É necessário promover deslocamentos epistemológicos que convoquem os sujeitos à escuta das narrativas silenciadas, à valorização das experiências corporificadas e à construção de metodologias que respeitem as trajetórias, os territórios e as subjetividades presentes nos espaços virtuais de aprendizagem. Compreende-se que o trabalho docente na EAD, atravessado pelas tecnologias digitais, se reorganiza em meio a exigências de produtividade, flexibilidade e performatividade, o que muitas vezes acentua precariedades, invisibiliza o papel formativo do/a educador/a e naturaliza processos de padronização. Nessa encruzilhada, a cultura digital opera como campo de disputas, onde circulam forças de dominação, mas também, possibilidades de resistência e reexistência. A formação crítica para atuação na EAD, portanto, exige um projeto político-pedagógico que se oponha ao tecnicismo reprodutivista e à lógica neoliberal que permeia muitas políticas educacionais contemporâneas. A tessitura desenvolvida neste trabalho evidencia que a EAD pode ser tanto um instrumento de reprodução de desigualdades quanto um espaço fecundo para práticas contra-hegemônicas. O ponto de inflexão reside no projeto formativo adotado: ou seguimos reafirmando modelos coloniais baseados na neutralidade, na meritocracia e na invisibilização dos saberes subalternizados; ou escolhemos trilhar caminhos educativos que reconhecem a multiplicidade de vozes, saberes e existências. Esse percurso, no entanto, não é isento de desafios. Ele exige coragem institucional, formação continuada crítica e o compromisso ético-político de docentes que estejam dispostos/as a romper com zonas de conforto, desnaturalizar privilégios e enfrentar as estruturas de opressão que atravessam o campo educacional. Com efeito, adotar uma abordagem decolonial na formação para a EAD implica, ainda, compreender a linguagem como potência formadora: ela pode simultaneamente aprisionar e libertar. Por isso, é necessário repensar os modos de comunicar, ensinar e aprender nos ambientes virtuais que laçam



mão

de recursos tecnológicos. É preciso garantir que esses espaços digitais representem e acolham a diversidade dos sujeitos que os habitam, incluindo ações concretas que incidem sobre o currículo, os recursos didáticos, os processos avaliativos e a composição das equipes pedagógicas. Assim, a formação docente na EAD, quando atravessada pela cultura digital e orientada por uma perspectiva decolonial, pode se tornar uma potente prática de insurgência pedagógica. Cada docente que ousa escutar narrativas antes marginalizadas, cada currículo que incorpora múltiplas referências, cada plataforma que favorece o diálogo e não apenas a entrega de conteúdos, representa um ato político de ruptura. Educar, neste contexto, é um posicionamento ético, uma escolha pela justiça pelo reconhecimento intersubjetivo e pela pluralidade. Portanto, semear “mundos outros possíveis” na EAD não se faz apenas com boas intenções ou inovações técnicas, mas com decisões políticas conscientes. Que sejamos, então, semeadores/as de uma formação que reconhece o valor da diversidade, que afirma os saberes comunitários e que se compromete com a construção de um trabalho docente mais humano, crítico e transformador. A tecnologia, nesse cenário, deixa de ser mero instrumento e passa a ser meio de reexistência e emancipação.

Palavras-chave: Formação docente; Educação a distância; Decolonialidade.

Referências

BAXTO, W.; CARNEIRO, V. Uso das TIC na educação superior à distância. Educação (Porto Alegre), v. 42, n. 1, p. 35-43, jan.-abr, 2019.

ESCOBAR, Arturo. Sentipensar com a Terra: as lutas territoriais e a dimensão ontológica das epistemologias do Sul. Revista de Antropologia da UFSCar, v. 6, n. 2, 2014.

FRASER, Nancy. Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 15, n. 2, p.



291-

308, maio/ago. 2007b.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 75. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GATTI, Bernardete Angelina. Contemporaneidade: educação, modernidade e pós-modernidade. *Práxis Educacional, Vitória da Conquista*, v. 19, n. 50, p. e11995, 2023.

DOI: 10.22481/praxisedu.v19i50.11995. Disponível em:

<http://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/11995> . Acesso em: 10 abr. 2025.

GONZAGA, Yone Maria. Racismo institucional, branquitude e gestão reativa seletiva: desafios para a implementação de ambiente universitário afirmativo . *Práxis*

Educacional, Vitória da Conquista, v. 19, n. 50, p. e12047, 2023. DOI:

10.22481/praxisedu.v19i50.12047. Disponível em:

<http://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/12047> . Acesso em: 30 mai. 2025.

GONZÁLEZ, Miguel Alberto González; GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, José.

Descolonizar as linguagens dos poderes. *Práxis Educacional, Vitória da Conquista*, v.

19, n. 50, p. e11997, 2023. DOI: 10.22481/praxisedu.v19i50.11997. Disponível em:

<http://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/11997> . Acesso em: 3 jun. 2025.

GONZALEZ, Lélia. Por um Feminismo Afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Organização Flavia Rios, Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, São Paulo, n. 5, p. 7-42, 1995.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação mito & desafio: uma perspectiva construtivista. 26. ed. Porto Alegre: Mediação, 1999.



HO

OKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como a prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LIMIDO, Roberto Nasimbera. Descolonização ou construção identitária cultural e educativa?. *Práxis Educacional, Vitória da Conquista*, v. 19, n. 50, p. e11999, 2023.

DOI: 10.22481/praxisedu.v19i50.11999. Disponível em:

<http://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/11999> . Acesso em: 24 abr. 2025.

MIRANDA, G. L. Limites e possibilidades das TIC na educação. *Revista de Ciências da Educação*, n.3, Maio/Ago 2007, ISSN 16494990. Disponível em:

<<http://ticsproeja.pbworks.com/f/limites+e+possibilidades.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2025.

OLIVEIRA, Angelo Dantas de; NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria. Decolonizar o povo para descolonizar os sistemas de educação: entre as fissuras e semeaduras. *Práxis Educacional, Vitória da Conquista*, v. 19, n. 50, p. e12042, 2023.

DOI: 10.22481/praxisedu.v19i50.12042. Disponível em:

<http://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/12042> . Acesso em: 19 fev. 2025.

OLIVEIRA, Janaina; CASAGRANDE, Natalia Maria; DE JORGE GALERANI, Leide Daiana. A Evolução Tecnológica e sua Influência na Educação. *Revista Interface Tecnológica*, 2016, 13.1: 23-38.

PELOSO, Franciele Clara; MOTA NETO, João Colares da; MACHADO, Érico Ribas.

Arte e estética decolonial: um diálogo a partir da colonialidade do ver. *Práxis*

Educacional, Vitória da Conquista, v. 19, n. 50, p. e12049, 2023. DOI:

10.22481/praxisedu.v19i50.12049. Disponível em:

<http://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/12049> . Acesso em: 13 mai. 2025.

RIGAL, Luis; ZINGER, Sabrina; PATAGUA, Patrícia Evangelina. Pedagogias críticas: o desafio da formação de subjetividades rebeldes. *Práxis Educacional, Vitória da Conquista*, v. 19, n. 50, p. e12043, 2023. DOI: 10.22481/praxisedu.v19i50.12043.

Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/12043> . Acesso em: 20



maio

. 2025.

SALAZAR, Gabriel Herrera. Ensinando a história antiga de Abya Yala a partir do paradigma da libertação. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 19, n. 50, p. e11996, 2023. DOI: 10.22481/praxisedu.v19i50.11996. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/11996> . Acesso em: 15 abr. 2025.

SEGATO, Rita L. Raça e signo. In: *Seminário Internacional Inclusão Social e as Perspectivas Pós-estruturalistas de Análise Social*. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, jun. 2005.

SOUZA, Regis G. S. de. Gênero e Raça na Política Educacional Soteropolitana: um exercício de justiça social? Tese (Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismos) - PPG-NEIM, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFBA, Salvador, 2021.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 10 set. 2022.

TÉLLEZ FABIANI, Enrique. A soberania do encargo: responsabilidade em Dussel e Ellacuría para uma política mundial.

WALSH, Catherine. Gritos, grietas y siembras de vida: entretejer de lo pedagógico y lo decolonial. WALSH, Catherine. (ed.). *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo II. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2017. p. 18-45. Disponível em: <https://ayalaboratorio.files.wordpress.com/2018/03/catherine-walsh-pedagogc3adas-decoloniales-volume-ii.pdf> . Acesso em: 05 mar. 2025.